

VOL190-4

ABR2020

BROTÉRIA

CRISTIANISMO E CULTURA

JOSÉ TOLENTINO
MENDONÇA

CARDEAL ARQUIVISTA
E BIBLIOTECÁRIO

DA CALAMIDADE
À GRAÇA:
UMA PEQUENA
GRAMÁTICA PARA O
QUOTIDIANO

À primeira vista, e partindo da nossa experiência concreta, diríamos que entre calamidade e graça não existe relação possível, porque a calamidade é uma espécie de lugar distópico, o contrário daquilo que vem explicitado pela utopia, o inverso do que está contido na graça: é, em resumo, uma *des-graça*. E, por sua vez, a experiência da graça é o tempo idealizado, é essa espécie de plenitude, essa excedência de dom que nos toca. Ora entre a linha da calamidade e a linha da graça o que vemos à partida são sobretudo as diferenças. Elas parecem duas paralelas destinadas a nunca coincidir. Porém, somos desafiados a encontrar e a construir interceções entre ambas, repensando, para lá do previsível, o que pode ser um diálogo não só necessário, mas também fecundo.

INVENTAR OUTRA TACTILIDADE PARA A VIDA

Os gregos representavam o tempo como calamidade, pois o *kronos* (o tempo cronológico) era plasticamente descrito como um titã que engole os próprios filhos à nascença. A experiência de catástrofe, devoração e ameaça é, então, alguma coisa inerente ao nosso próprio ser-no-tempo. Mas no vocabulário helénico havia outra palavra para designar o tempo – a palavra *kairos* – que faz apelo não à quantidade, mas à qualidade do tempo. Significa “o tempo oportuno”; “o instante iminente”; “o lugar onde deflagra a revelação”.

O grande desafio é, assim, a compreensão que dentro daquilo que nos parece ser apenas uma linha distópica, há espaço para alguma coisa de diferente se manifestar e para algo de novo poder emergir. Nesse sentido, o que nos é pedido é que acreditemos que não estamos condenados a repetir a impossibilidade de cruzamento, mas que há, quotidianamente, interceções entre as duas linhas, entre as duas modalidades de tempo. E isso é válido para esta estação de crise, mas, se quisermos, a sua validade é mais ampla, estende-se a toda a vida. Este é sobretudo um tempo de aprendizagem. Temos de aprender a viver este momento, permitindo que no coração da calamidade a insinuação da graça nos possa visitar. Esta pandemia vem introduzir dinâmicas quotidianas que são anti-humanas: por isso, nos sentimos tão confinados, tão constrangidos, tão em suspensão, tão desativados. Porque somos seres comunitários e atores de relação; precisamos de tocar a vida, de sentir de uma forma táctil o próprio tempo, o espaço, os afetos. E, de certa forma, tudo isso está temporariamente suspenso e vedado. Mas temos de inventar outra

* No âmbito do projeto *aosvossoslugares.com*, a equipa da *Brotéria* colocou quatro questões a D. José Tolentino Mendonça. As respostas foram publicadas em ficheiros de som e em pdf no site do projecto dia 3 de abril.

tactilidade para o mundo e para a vida. Ainda que não possamos tocar, ou sair de casa, ou comparecer a determinado encontro, ou estar de forma presencial, a verdade é que há uma proximidade que podemos construir. Por exemplo, através da palavra, mas também através do pensamento, através da oração, através daquela comunicação que acontece através de imagens – sejam imagens exteriores, sejam imagens internas. Mediante a proximidade – e uma proximidade reinventada – , a energia da graça é capaz de visitar o campo da calamidade.

DAR LUGAR AO INESPERADO

Uma coisa que a tradição bíblica nos ensina de forma muito clara é que o tempo da graça se manifesta pela surpresa. Há por isso um apelo profundo a dar lugar ao inesperado, ao diverso, ao surpreendente. Por estranho que possa parecer esta crise tornou o tempo mais plástico e poroso. Nestas últimas semanas tenho-me interessado por ler, seja do ponto de vista religioso, seja até do ponto de vista judiciário, relatos de pessoas que fazem habitualmente a experiência do confinamento. Um monge, por exemplo: a sua natureza é o confinamento. Da mesma forma, que um detido possui os escassos metros da sua cela para organizar a sua existência. Há dois elementos que vejo em comum entre as narrativas de prisão e os registos da via monástica. Um é a importância – ao contrário daquilo que pensamos – da repetição. É muito mais fácil suportar um tempo que é igual. Isto é, que tem as horas certas, que vem configurado em ritmos regulares, em que a disciplina e a ascética garantem uma espécie de respiração circular. Isso torna o enclausuramento muito mais suportável. Mas há outro aspeto em que ambos coincidem – é aquele que recorda que em cada dia se deve aprender alguma coisa que não conhecemos. E isso é espantoso se pensarmos que há pessoas que vivem anos e anos confinados a um pequeno espaço. Que se pode aprender num espaço assim? É uma pergunta que nos deve habitar. Porque se calhar há recursos dentro de nós que normalmente não precisamos sequer de ativar, mas que agora é o momento de fazer uso deles.

RELANÇAR A ESPERA

Sofremos por estar confinados. É alguma coisa que não corresponde à nossa natureza, à nossa vocação, às nossas escolhas, às nossas necessidades. Porém, a situação atual representa também uma oportunidade para nós. E ocorre-me ao pensamento aquele princípio que o Papa Francisco repete muitas vezes – e que talvez seja o momento certo para redescobriremos – ”o tempo é superior ao espaço”.

Nós definimo-nos como seres de espaço. Ocupamos, colonizamos; gritamos 'isto é nosso', 'isto é meu'; convencemo-nos de que a nossa espacialidade é definitiva; vivemos em rotinas mais ou menos férreas e cegas – mesmo quando não damos por isso – e achamos que tudo tem de ser assim. Que, por exemplo, o mundo tem a forma que lhe demos, e que não pode ser de outra forma. Quando aceitamos considerar que o tempo é superior ao espaço, percebemos que as formas do espaço são relativas: o tempo é fluido, é flexível, é móvel, enquanto que o espaço tende a cristalizar. Ora, um momento como este, é também uma grande chance para redescobrir que a vida não começa e acaba aqui. Que há o tempo. E que o tempo não é apenas o cronómetro que me faz correr, não é só medido pela quantidade de coisas que produzimos, mas é uma janela para o pensamento. A categoria do tempo oferece-nos a oportunidade de hospedar uma respiração que é maior do que nós. Saber que há um passado muito maior do que nós, que há um presente, que é o nosso, e que há um futuro. E que somos seres que vivem neste trânsito permanente, perguntando-nos de onde vimos e para onde vamos. Não podemos viver simplesmente obsidiados pelo presente que temos ou que não temos. Precisamos olhar o futuro. E esperar do futuro.

Esta é, assim, a hora privilegiada para relançar a espera. E, nesse sentido, também a esperança. Há uma expectativa, alojada no fundo da nossa própria existência, face à qual este espaço a que estou confinado é pouco. Há uma ingenuidade quando pensamos que existe só o presente. Lembro-me de uma história que ouvi a Sophia de Mello Breyner Andresen em que ela falava de uns índios, de uma tribo amazônica, que quando eram presos morriam, porque só tinham presente. Nós temos mais do que presente, e este também é o momento para se aperceber disso com outra intensidade. Para refletir que há um futuro, que nos temos de empenhar nele todos, que temos de o perspetivar. Para se dar conta que este é um tempo de forte germinação, de misteriosa gestação. Aliás, vê-se por tantas iniciativas que estão a acontecer: realizações novas, uma energia de vida, uma afirmação de esperança que se traduz em tantas partilhas. Exactamente porque não somos apenas seres de presente. Não temos apenas âncoras, temos também asas.

UMA ARTE DE RESISTÊNCIA

Este, que vivemos, é certamente um tempo dramático, onde muitas, muitas lágrimas são choradas. Vejo a situação italiana, a que assisto mais de perto. Constatar, por exemplo, que uma pessoa que fique doente deixa de poder ser acompanhada pelos seus; que muitas vezes só reencontram as suas cinzas; que nem podem fazer um funeral religioso, ou manter uma expressão pública de luto... é alguma coisa

que nos estremece profundamente e desencadeia tantas perguntas. Uma delas é se a beleza poderá resistir. Pode, se cuidarmos dela, mas temos de ter consciência que, de facto, estamos a passar por um trauma profundo. Freud dizia que um trauma é uma agressão inesperada, que nos apanha sem defesas e que, de um momento para outro, estilhaça a nossa visão do mundo e dos valores, e nos atira para a angústia. De certa forma, é isso que coletivamente estamos a experimentar. Mas há uma arte de resistência de que precisamos viver, mesmo nesta situação traumática. Aquilo que os psiquiatras e os psicanalistas dizem, pode ser importante recuperar aqui para uma proposta espiritual. Após um trauma as coisas não voltam à forma exata que tinham anteriormente, mas é preciso (e é possível) encontrar uma forma nova. Isto é, não conseguimos resolver completamente esta crise, ou evitar os seus efeitos, mas podemos tentar caminhar para uma etapa seguinte, que pode ser ainda uma estação provisória, mas que sabemos que será diferente daquela anterior. E há três passos que são muito importantes.

Um é confiarmo-nos à memória do amor. É fundamental cada um de nós saber que é amado; que é infinitamente amado por Deus, que é amado nesse amor que Jesus nos revela de uma forma impressionante, numa excedência sem limites. Mas cada um de nós tem as suas experiências de amor, do amor dos pais, do amor da família, dos amigos, o amor das coisas belas. Acordar essa memória do amor de dentro de nós é uma tarefa essencial nesta hora. Essa certeza de ter feito experiência de que se é amado corresponde ao bote salva-vidas num cenário de naufrágio.

O segundo passo é a necessidade e o bem que é podermos contar as nossas histórias a alguém. Este não é um tempo de silêncio, é um tempo para a palavra. É importante que não seja a palavra colonizada; a mesma imagem, o mesmo vídeo pré-fabricado que se reenvia automaticamente mil vezes, mas que seja o lugar para a palavra verdadeira, para uma palavra que ainda não foi dita. Porque cada um de nós traz dentro de si tantas palavras que não foram ditas, palavras sufocadas, palavras submersas, palavras que era importante agora trazer à superfície. Agora é que é o momento para dizer certas palavras, em vez de colonizarmos o nosso espírito com as banalidades mais óbvias. Precisamos de contar a nossa história: este é momento para o fazer. Por isso, também será o momento para os romancistas, os poetas, os escritores, os artistas, os músicos. É um tempo de grande criatividade, porque há esta necessidade profunda, e tem de ser aproveitada.

Por fim, o terceiro passo. Se não pudermos contar a nossa história a alguém – porque também isso acontece; porque há momentos em que não há ninguém para escutar a nossa história – que possamos pelo menos acordar dentro de nós uma imagem de vida, uma imagem positiva, de beleza, que possa servir-nos como bússola nesta viagem tormentosa.

OLHAR OS LÍRIOS DO CAMPO

Faz-nos bem recordar que grandes obras da arte e do pensamento foram criadas em contexto de adversidade. Um dos grandes pensadores do século XX, Franz Rosenzweig escreveu a sua obra prima, 'A Estrela da Redenção', nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, e escreveu-a em pequenos bilhetes postais que mandava à mãe. Se pensarmos que Messiaen compôs uma das suas obras mais inspiradas para ser interpretada pela primeira vez num campo de concentração, ou que Picasso fez a Guernica no impacto da guerra, ou que Paul Celan consolidou uma das poéticas fundamentais da contemporaneidade num contexto demencial... Obras inigualáveis que nos alimentam tiveram, de facto, a adversidade como chão fértil. Por isso, podemos compreender aquilo que diz uma das grandes místicas contemporâneas, a judia holandesa Etty Hillesum, que num campo de concentração fez um caminho de transformação extraordinário e escreveu um diário de puro assombro. E ela dizia isto: este tempo em que a nossa alma é derrotada, que parece que vem abaixo, é precisamente o tempo para olhar os lírios do campo. Acredito profundamente nisto. Este é o tempo para olharmos os lírios do campo.

E é também uma oportunidade para a arte e a criação, porque, a meu ver, um dos perigos que mais ameaça a arte contemporânea, tornando-a um mero exercício de contrafação, é o impacto que tem na produção artística o mercado. Aconteceu uma espécie de mercantilização da arte. Tudo tem um preço, tudo é em função de um preço e determinado por ele. O atual é certamente um momento também de risco, pois os artistas têm de ser remunerados, e precisam também de comer. Mas, ao mesmo tempo, o instante atual os coloca perante aquilo que o poeta Rainer Maria Rilke dizia nas 'Cartas a um Jovem Poeta': tu só és poeta se disseres, no fundo mais solitário e desamparado da tua alma, se eu não escrever eu morro! Tu só és músico se tu disseres: se eu não compuser, ou se eu não cantar, eu morro! Tu és só pintor se disseres, se eu não realizar esta aventura, eu morro! As práticas artísticas não são apenas uma maneira de satisfazer a vida material. Há aqui também um reencontro com a razão mais decisiva daquilo que é a arte, que é uma razão de vida ou de morte, que, agora, cada um com mais acuidade pode sentir.

E uma última palavra para dizer que este também é o tempo para descobrir a beleza de que cada um de nós pode ser protagonista, através do cuidado e a da compaixão. Este é o tempo em que o coração humano precisa de ser consolado – há tantos corações humanos que precisam ser consolados. Não pensemos só no nosso coração.